

ANÁLISE DE INDICADORES DE LIQUIDEZ DE UMA EMPRESA DO SETOR DE BENS INDUSTRIAIS: O CASO DA TUPY NO PERÍODO DE 2007 A 2017

Gabriel Russo Ramos, UFPR, gabrielrusso16@gmail.com

Resumo

A análise financeira de uma empresa é a interpretação de seus dados contábeis. Os dados são relacionados entre si e comparados durante o período analisado. A partir da interpretação é possível identificar tendências de futuros resultados, motivos de eventuais situações de prejuízo e os propósitos de períodos de crescimento. A importância da análise é ressaltada na medida que grande parte dos investidores se utilizam dela na tomada de decisão de seus investimentos. O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise financeira de uma empresa de bens industriais, a Tupy S.A. A análise tem como embasamento os indicadores financeiros de Liquidez. A evolução dos resultados é retratada dentro o período de 2007 a 2017. Os dados necessários para a construção dos indicadores foram disponibilizados pela própria Tupy S.A devido ao fato de a empresa ser de capital aberto e ser obrigada a apresentá-los periodicamente. A Tupy S.A, tem capacidade de produzir 848 mil toneladas anuais em peças de ferro fundido em parques fabris no Brasil e no México.

Palavras-Chaves: Índice de Liquidez Geral; Índice de Liquidez Corrente; Índice de Liquidez Seca

1. Introdução

A distinção entre dados e informações é importante. Os dados financeiros de uma empresa podem ser encontrados em demonstrações financeiras de acordo com regras contábeis. A Análise de Balanços transforma os dados em informações e será tanto mais eficiente quanto mais precisas e relevantes forem as informações produzidas (MATARAZZO, 2003).

Fatos ou eventos econômicos financeiros são refletidos em demonstrações financeiras na forma de dados. A partir de técnicas de análise de balanços é possível extrair informações para uma futura tomada de decisão (MATARAZZO, 2003).

A relação entre itens do balanço financeiro e demais dados contábeis é de grande interesse de investidores. Um dos motivos que levam um investidor a adquirir ações da empresa A e/ou da empresa B decorre da Análise de balanços (IUDÍCIBUS, 1998).

A análise de demonstrativos financeiros é de suma importância para credores, investidores, agências governamentais e até acionistas. Contudo, ela não é menos necessária para gestores.

Além de informar a evolução de grupos contábeis também servirá como um painel de controle da administração (IUDÍCIBUS, 1998; NETO, 2012)

Deste modo, o presente estudo tem como objetivo determinar o potencial econômico financeiro da empresa Tupy S.A a partir da análise dos demonstrativos financeiros no período de 2007 a 2017. A empresa, atuante no setor de bens industriais, trabalha com produtos do setor automobilístico e tem seu comércio focado no exterior, sendo 85% de sua receita decorrente de exportações.

Este trabalho é dividido em 5 seções, sendo a primeira, como visto, uma introdução à análise financeira e sua importância para a análise de investimentos. Em seguida, é apresentada a metodologia seguida da revisão de literatura. Nas seções 4 e 5 são discutidos os resultados e as considerações finais, respectivamente.

2. Metodologia

O método utilizado para a análise se baseia no estudo de caso de caráter quantitativo, que recorre à revisão bibliográfica.

O período de análise depende dos objetivos que se pretenda alcançar (IUDÍCIBUS, 1998). O estudo utilizou-se de todos os relatórios financeiros disponibilizados pela empresa Tupy S.A – de 2007 a 2017 - com o objetivo de favorecer a análise da viabilidade de investimento na empresa. Os relatórios foram divulgados por trimestre e os dados contábeis estão na escala de milhares de reais.

3. Revisão de Literatura

Nesta seção o conceito da análise de demonstrativos financeiros foi especificado assim como os componentes que prestam suporte à análise.

3.1 Análise de Balanço

O presente artigo apresenta uma análise de balanços financeiros por meio de indicadores. Para Iudícibus (1998), a análise de balanços alcança seu ponto mais importante no cálculo e avaliação do significado de quocientes, relacionando itens do Balanço e da Demonstração de Resultado.

A análise de balanços segue o seguinte raciocínio científico: primeiramente extraem-se índices das demonstrações financeiras, a seguir compraram-se os índices com os padrões, logo após ponderam-se as diferentes informações e chega a um diagnóstico ou conclusões e por fim tomam-se decisões (MATARAZZO, 2003).

3.2 Demonstrações contábeis

A posição patrimonial e financeira de uma empresa, em determinada data, pode ser evidenciada pelas demonstrações contábeis a partir de uma representação monetária estruturada (SILVA, 2007).

3.2.1 Balanço Patrimonial

O Balanço Patrimonial apresenta todos os bens e direitos da empresa – Ativo -, bem como suas obrigações – Passivo. A diferença entre Ativo e Passivo é o Patrimônio Líquido e representa o capital investido pelos proprietários da empresa – através de recursos trazidos de fora e/ou gerados pelas operações da empresa (MATARAZZO, 2003).

O Balanço Patrimonial tem como objetivo demonstrar a situação do patrimônio da empresa, em determinado período. Nele as contas são agrupadas de modo a facilitar a análise e entendimento da situação financeira da companhia (BRAGA, 2003).

3.2.1.1 Ativo

As aplicações de recursos ou investimentos são apresentadas no ativo. Nele as contas são dispostas em ordem decrescente de grau de liquidez dos elementos nela registrados (BRAGA, 2003).

O ativo, convencionalmente, subdivide-se em circulante e realizável a longo prazo (SILVA, 2009).

3.2.1.1.1 Ativo Circulante

O Ativo Circulante representa as disponibilidades, as aplicações financeiras, os valores a receber, os estoques e as despesas antecipadas (SILVA, 2009).

3.2.1.1.1 Realizável a Longo Prazo

O Ativo realizável a longo prazo compreende os créditos e valores, aplicações financeiras e despesas antecipadas de longo prazo, bem como os investimentos, o imobilizado, o intangível e o diferido da entidade, desde que tenham caráter permanente (SILVA, 2009).

3.2.1.2 Passivo

No passivo compreende – se o Passivo Circulante e o Passivo Exigível a Longo Prazo (SILVA, 2009).

3.2.1.2.1 Passivo Circulante

Nesse grupo estão classificadas todas as exigibilidades da empresa vencíveis a curto prazo, isto é, dentro do limite que foi estabelecido pelo analista (SAVYTZKY, 1985)

3.2.1.2.2 Passivo Exigível a Longo Prazo

Nesse grupo estão compreendidas as exigibilidades da empresa que ultrapassam limite de prazo estabelecido pelo Passivo Circulante (SAVYTZKY, 1985).

3.3 Indicadores de Liquidez

Os indicadores de liquidez demonstram a base da situação financeira da empresa. Eles comparam os Ativos com as Dívidas. Bons resultados nos índices de liquidez representam boa capacidade de pagar suas dívidas (MATARAZZO, 2003).

3.3.1 Índice de Liquidez Geral (ILG)

Esse quociente serve para mensurar a saúde financeira da empresa – no que se refere à liquidez – no longo prazo (IUDÍCIBUS, 1998).

Equação 1 – Cálculo do Índice de Liquidez Geral (ILG)

$$\text{Índice Liquidez Geral} = \frac{\text{(Ativo Circulante} \\ + \\ \text{Realizável a Longo Prazo)}}{\text{(Passivo Circulante} \\ + \\ \text{Exigível a Longo Prazo)}}$$

Fonte: MATARAZZO (2003)

Dentre os itens que englobam o numerador da equação, o Ativo Circulante representa todo dinheiro disponível em poder da empresa e todos os valores que serão transformados em dinheiro no curto prazo. O Realizável a Longo Prazo compreende itens que serão transformados em dinheiro no longo prazo – de acordo com o ciclo operacional da atividade predominante (MARION, 2008).

Dentre os itens representados no denominador da equação, o Passivo Circulante apresenta as dívidas que serão pagas no curto prazo. O Exigível a Longo Prazo compreende as dívidas com terceiros que serão liquidadas a longo prazo predominantemente (MARION, 2008).

3.3.2 Índice de Liquidez Corrente (ILC)

Esse índice relaciona o valor disponível para a empresa em reais – imediato ou conversível no curto prazo – com relação às dívidas em curto prazo (IUDÍCIBUS, 1998).

Equação 2 – Cálculo do Índice de Liquidez Corrente (ILC)

$$\text{Índice Liquidez Corrente} = \frac{(\text{Ativo Circulante})}{(\text{Passivo Circulante})}$$

Fonte: (MATARAZZO, 2003)

Os itens apresentados no numerador e denominador já foram retratados no Índice de Liquidez Geral.

3.3.3 Índice de Liquidez Seca (ILS)

O indicador de Liquidez seca é adequado para uma análise conservadora da situação de Liquidez da empresa. Eliminando-se os estoques do numerador do índice de liquidez corrente elimina-se uma fonte de incerteza (IUDÍCIBUS, 1998).

Equação 3 – Índice de Liquidez Seca (ILS)

$$\text{Índice Liquidez Seca} = \frac{(\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques})}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: (MATARAZZO, 2003)

4. Resultados e discussões

Nesta seção foram apresentadas as evoluções dos índices calculados, assim como explicações das principais variações do período e discussões sobre os resultados em geral.

4.1 Evolução dos Indicadores

A evolução dos indicadores foi estudada a partir de especificações dos períodos de variações significativas dos índices no período analisado.

4.1.1 Índice de Liquidez Geral (ILG)

Figura 1 – Evolução do Índice de Liquidez Geral da Tupy S.A de 2007 a 2017

Os altos valores em dívidas podem ser explicados pelo crescimento de 140% no custo de empréstimos e financiamentos no curto e longo prazo chegando a um total de R\$1.923.077.000 na metade de 2012.

4.1.1.3 Crescimento do ILG de junho de 2012 a junho de 2016

O ILG durante metade de 2012 e metade de 2016 teve um crescimento de 32%. Em junho de 2016 o índice teve seu valor máximo dentro de todo o período de análise do trabalho chegando a 1,87.

O ativo total teve um aumento de 26% e as dívidas da Tupy S.A tiveram uma leve queda de 4% durante os 4 anos de crescimento do ILG.

A melhora do ILG e o aumento no Ativo Total pode ser expresso pelo crescimento de 46% do Ativo Circulante – explicados pelo valor em caixa de R\$1.237.064.000 atingido na metade de 2016.

4.1.1.4 Média, Desvio Padrão, Máximo e Mínimo do ILG

No período de 2007 a 2017 o ILG teve em média o valor de 1,64. Seu desvio padrão foi de 0,14, o valor máximo atingido foi de 1,87, em junho de 2016, e o mínimo de 1,20, em junho de 2007.

Segundo Matarazzo (2003), ao manter o índice acima de 1, a empresa gera uma folga proveniente da diferença entre o Ativo e Passivo. A folga representa uma reserva ou margem de segurança. Conclui-se então que a empresa tem uma situação financeira satisfatória em termos de liquidez geral, pois apresenta condições para isso.

4.1.2 Índice de Liquidez Corrente (ILC)

Figura 2 – Evolução do Índice de Liquidez Corrente da Tupy S.A de 2007 a 2017

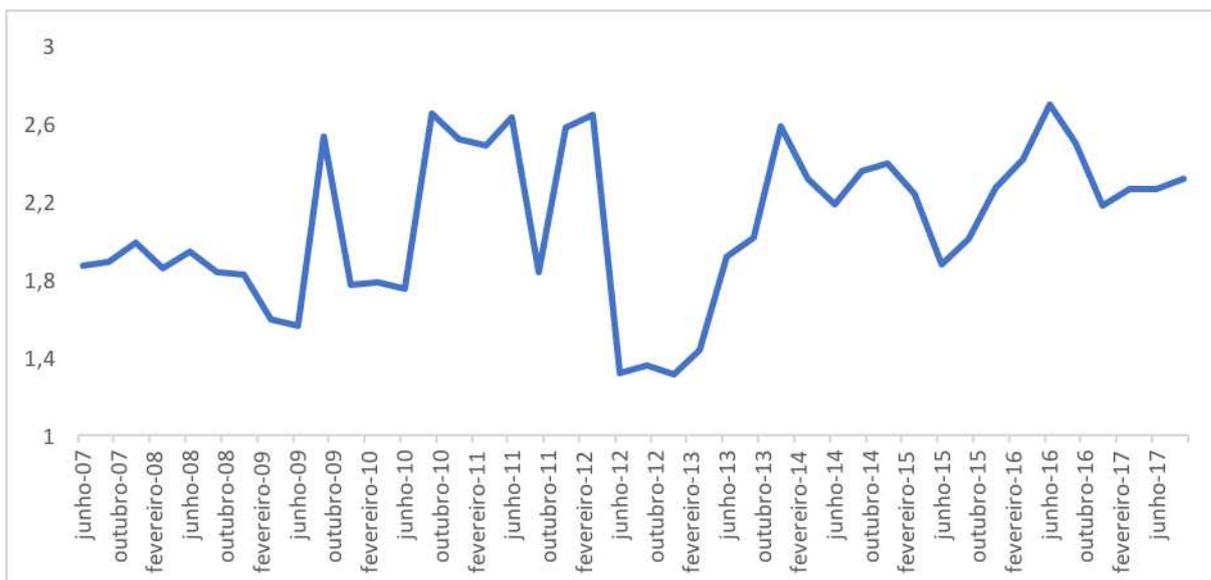


Figura 2 – Tupy S.A (2017)

A figura 2, representada acima, apresenta no eixo das ordenadas o valor do índice de Liquidez Corrente e no eixo das abscissas os trimestres avaliados.

4.1.2.1 Crescimento do ILC de junho de 2009 a outubro de 2009

Nos últimos trimestres de 2009 o ILC apresentou um crescimento de 62%. Em junho do mesmo ano o índice era de 1,56, já em outubro o ILC atingia 2,53.

Durante o período de crescimento o Ativo Circulante aumentou em 44% e o Passivo Circulante diminuiu 12% ambos auxiliando para a melhora do ILC.

O aumento de 44% do Ativo Circulante pode ser explicado pelo aumento de R\$341.000.000 em caixa da empresa – em junho de 2009 era de R\$114.000.000 e em outubro de R\$455.000.000.

4.1.2.2 Queda do ILC de outubro de 2009 a fevereiro de 2010

Após o crescimento de 62% do ILC apresentado em outubro, o índice diminuiu 30% e atingiu 1,77 em fevereiro de 2010.

No período de queda o Ativo Circulante apresentou uma diminuição de 6% e o Passivo Circulante cresceu 34% ambos influenciando para o piora do índice.

O motivo do crescimento das dívidas a curto prazo da empresa é de difícil análise devido ao fato da empresa apresentar um crescimento de 70% de custos nomeados como “outros” no Balanço Patrimonial.

4.1.2.3 Crescimento do ILC de junho de 2010 a outubro de 2010

Nos últimos trimestres de 2010 a empresa apresentou um crescimento de 51%. No último trimestre do ano o índice atingiu 2,65 e na metade do ano era de 1,75.

De junho a outubro de 2010 o Ativo Circulante aumentou 31% e chegando a R\$1.090.865.000 em outubro. Já o Passivo Circulante teve queda de 14% no período.

O aumento do Ativo Circulante e a melhora do ILC no período podem ser explicados pelo crescimento de 67% de caixa da Tupy S.A.

4.1.2.4 Queda do ILC de junho de 2011 a outubro de 2011

De junho a outubro de 2011 o ILC diminuiu 31%. Na metade do ano o índice era de 2,63 e no final do ano atingiu 1,83.

No período em questão o Ativo Circulante aumentou 30%, contudo, não foi o suficiente para compensar o crescimento de 88% do Passivo Circulante.

O motivo do crescimento das dívidas de curto prazo no período pode ser especificado pelo aumento de R\$300.000.000 em custo de empréstimos e financiamentos – totalizando R\$370.000.000 em outubro de 2011.

4.1.2.5 Crescimento do ILC de outubro de 2011 a dezembro de 2011

No período em questão o ILC apresentou um aumento de 40%. O Ativo Circulante aumentou 53% e o Passivo Circulante um aumento de 9 %.

O crescimento do Ativo Circulante da Tupy no final de 2011 deve-se ao fato do valor a receber por aplicações financeiras no período cresceu 107%.

4.1.2.6 Queda do ILC de fevereiro de 2012 a junho de 2012

Nos primeiros meses de 2012 o ILC apresentou uma queda de 51% em seu valor chegando a 1,32 em junho de 2012.

O Ativo Circulante no período teve uma queda de 25% e o Passivo Circulante um aumento de 50%. A diminuição do ativo deve-se a queda de R\$830.000.000 em aplicações financeiras em relação ao primeiro trimestre.

O aumento do Passivo Circulante pode ser explicado pelo aumento de 72% do custo com fornecedores e 62% com empréstimos e financiamentos.

4.1.2.7 Crescimento do ILC de fevereiro de 2013 a dezembro de 2013

No ano de 2013 o ILC teve um crescimento de 79% atingindo 2,58 em dezembro.

O Ativo Circulante no período aumentou 32% estimulado pelo aumento de valor em caixa. Em fevereiro do ano em questão a empresa possuía R\$695.000 em caixa, já no final do ano estava com R\$1.123.446.000.

O Passivo Circulante também influenciou para o crescimento do ILC, diminuindo 27% no período.

4.1.2.8 Média, Desvio Padrão, Máximo e Mínimo do ILC

O ILC apresentou uma média de 2,09 no período analisado e seu desvio padrão foi de 0,39. O valor máximo do índice foi de 2,69 em junho de 2016 e o valor mínimo de 1,31 em dezembro de 2012.

Ao relatar que o Ativo Circulante é suficiente para cobrir as dívidas - a partir do índice de Liquidez Corrente acima de 1- não se deve considerar que a empresa pagaria inteiramente suas dívidas de curto prazo ao liquidar seu Ativo Circulante. Isso deve-se a impossibilidade de venda instantânea de estoque, a impossibilidade de receber todas as duplicatas imediatamente e o fato da empresa arcar com despesas proporcionais ao tempo. O índice de Liquidez, portanto, representa a margem de folga para manobras de prazos para equilibrar entradas e saídas (MATARAZZO, 2003).

4.1.3 Índice de Liquidez Seca

Figura 3 – Evolução do Índice de Liquidez Seca da Tupy S.A de 2007 a 2017

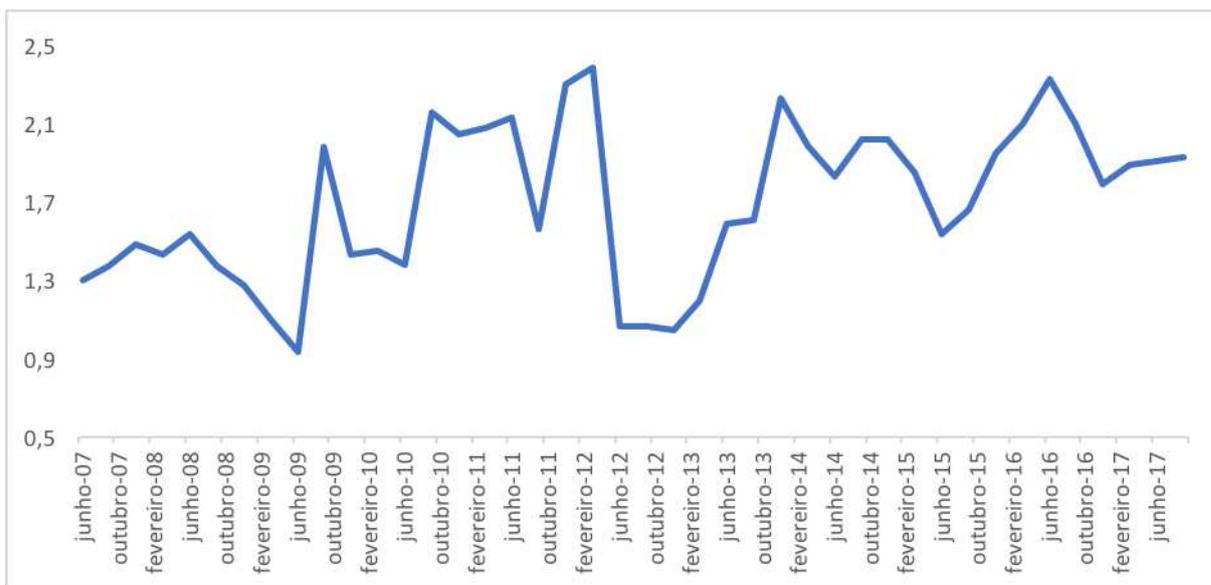


Figura 3 – Tupy S.A (2017)

A figura 3, representada acima, apresenta no eixo das ordenadas o valor do índice de Liquidez Seca e no eixo das abscissas os trimestres avaliados.

4.1.4 Períodos de variações importantes

A similaridade das variações do Índice de Liquidez Corrente e Índice de Liquidez Seca pode ser representada pelo coeficiente de correlação de Pearson. No período o coeficiente foi de 0,97 - sendo 1 o valor que corresponde a variações idênticas. O desvio padrão dos dois índices foi igual e de 0,39.

Além da semelhança entre as variações nos resultados, a diferença entre os índices é apenas o Estoque. Apesar de ter apresentado um crescimento de 114% no período analisado o Estoque representa em média 19% do Ativo Circulante da empresa.

A partir das considerações tomadas chegou-se a conclusão que os motivos das variações do ILS são semelhantes ao da ILC e não há necessidade de estratifica-los novamente.

4.1.2.8 Média, Desvio Padrão, Máximo e Mínimo do ILS

Apesar da grande semelhança com a variações do índice de liquidez corrente, foram calculados os principais valores absolutos do ILS.

A média do índice foi de 1,70 no período analisado, o desvio padrão de 0,39, seu valor mínimo de 0,93 em junho de 2009 e o máximo atingido de 2,38 em fevereiro de 2012.

5. Considerações Finais

A empresa Tupy S.A no período analisado mostrou bons resultados em todos os índices de liquidez analisados.

A média dos índices de liquidez analisados ficaram acima de 1,6 em todos os casos. O índice de Liquidez Corrente ficou em média com o valor de 2,09 mostrando que a empresa é capaz de equilibrar as entradas e saídas a curto prazo com facilidade. A empresa também mostrou uma grande capacidade de gerar ativo por aplicações financeiras quando em 2013 teve um crescimento de 79% no ILC devido a entradas de aplicações financeiras no curto prazo.

O índice de liquidez corrente, contudo, não se manteve constante durante o período analisado. Como evidenciado nas variações significativas do indicador, o ILC sofria um crescimento seguido por uma queda em todos os casos. Muito das quedas evidenciadas desse indicador foram por empréstimos financeiros.

O índice de Liquidez Geral se manteve em crescimento ou estável na maioria do período com uma média de 1,64. De junho de 2011 e junho de 2013 a empresa teve seu único período de baixa constante. Devido ao crescimento de 140% no custo de empréstimos de junho de 2011 e junho de 2012 o índice teve uma grande queda.

Apesar das quedas apresentadas durante o período de análise a empresa sempre mostrou uma reação que causou o crescimento do indicador novamente. A partir desta premissa, da média dos indicadores estar acima de 1,6 no período e do desvio padrão do ILG ser de 0,16 a Tupy S.A apresenta bons resultados nos índices de liquidez para investimentos financeiros.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações contábeis: estrutura, análise e interpretação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 10. ed. São Paulo: Harba, 2004.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MARION, José Carlos. **Contabilidade básica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NETO, Alexandre Assaf. **Estrutura e Análise de Balanços: Um enfoque econômico-financeiro**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

SAVYRZKY, Taras. **Manual de análise de balanços**. 19. ed. Curitiba: Sigma, 1985.

SILVA, Alexandre Alcantara da. **Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis**. São Paulo: Atlas, 2007.

SILVA, César Augusto Tibúrcio; TRISTÃO, Gilberto. **Contabilidade Básica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

TUPY S.A. **Balanço Patrimonial**. Disponível em:

<http://www.fundamentus.com.br/balancos.php?papel=TUPY3&tipo=1>. Acesso em: 8 jan. 2018.